

Kaito

reze por uma boa morte

Bruno Crispim

Tokyo / São Paulo / Seoul

KATTO

REZE POR UMA BOA MORTE



BRUNO CRISPIM

1ª EDIÇÃO

Bruno Crispim

Copyright© Bruno Crispim, 2021

Crispim, Bruno

Kaito: reze por uma boa morte

1ª Edição

Revisão de Texto | Maria Luiza Vanz

Capa | Rafael Crispim e Fasel Barros

Bruno Crispim – São Paulo: 2021

Reservados todos os direitos. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico, ou por qualquer tipo de armazenamento ou sistema, sem permissão expressa do autor.

Aviso

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico, ou por qualquer tipo de armazenamento ou sistema seja ele eletrônico ou impresso, sem permissão expressa do autor.

Apesar de todas as formas de verificação feitas para checar as informações contidas neste e-book, não é de responsabilidade do autor quaisquer erros, omissões ou interpretações contrárias aos temas aqui contidos.

Esta obra é exclusivamente para entretenimento e não deve ser tomada como instrução ou comando. O leitor é responsável por suas próprias e exclusivas ações e compreensões.

O autor não assume quaisquer responsabilidades sobre quaisquer ações resultantes da leitura deste material.

Quaisquer menções a indivíduos ou marcas são meramente ilustrativas.

à deusa Diana

sua vinda nos traz aventuras incríveis

não vejo a hora de você andar por esse mundo

todo ele é seu

minha pequena assassina recorrente

Você está vendo aquele garoto muito bem apessoado no meio da rua, rastejando no asfalto? Aquele ali, todo ensanguentado, com a sua camiseta da sorte que já não é mais verde. Metade da orelha esquerda faltando. A perna direita virada no ângulo errado. Ambos os tênis omissos. Um caminho de sangue o seguindo. Aquele ali, implorando pela ajuda da avó, ou da prima ou de qualquer um, por entre os dentes travados de desespero. Está vendo ele?

Pois é, esse aí sou eu, Kaito Mupara Yukimura. Ou só Kaito.

Essa é a antiga e menosprezada versão de mim mesmo. Não em um dos meus melhores dias, é verdade. Mas, definitivamente, não no meu pior.

Eu sei. Me vendo agora, tantos anos depois do apocalipse, você não imaginaria que eu comecei de baixo. Pelo contrário. Você diria que eu sou o filho de alguém importante, nascido com o famigerado talento. Olhos estreitos e vigilantes de um grande samurai. Corpo robusto e valente de um herói Zulu. Um guerreiro nato.

De forma alguma. Não tive berço de ouro. Eu comecei do mesmo buraco que você. Na lama e na loucura, como qualquer *azul*. Zero privilégios. Sem qualquer poder ou habilidade além da nossa maldita imortalidade.

A jornada não foi fácil. Morri pela primeira vez ainda uma criança inocente de vinte anos. Eu precisei de muito empenho, de muita garra, de muito heroísmo para conseguir me destacar neste mundo infestado de gente. E precisei de muita sagacidade também. *Aprenda rápido. Se possível, com o erro dos outros* – é o que eu sempre digo. Tudo bem, eu nunca digo isso. Mas continua sendo verdade.

Mas não coloquemos a carroça na frente dos bois.

Olhe bem para esse pobre eu franzino. Ainda sem saber lidar com as minhas mortes. Depois do fim do mundo, morrer é algo corriqueiro. Revivemos sete horas depois. Prontos para sermos assassinados outra vez. E essa aí será a minha sétima. É uma morte importante. Separa as crianças dos monstros.

Presta atenção. Olha bem para ele. Para mim.

Agora!

O exato momento em que ele molha as bermudas. Uma bexiga de respeito, diriam. Mesmo nessa confusão de sangue e de sujeira, é inegável para qualquer um o que acabou de acontecer.

É trágico. A pouca dignidade que eu guardava com ternura se esvaiu. Mas é um pouco engraçado também. Não? Eu acho. Com o passar dos anos, vai ficando melhor. Eu te garanto.

— Droga, Sayuri, me mata logo! — Eu grito.

Sayuri é aquela garotinha de seis anos de idade que vem devagar, tomando o seu tempo, sorrindo ao pular em um jogo de amarelinha imaginado. Em um primeiro momento, você poderia acreditar que essas duas pessoas não fazem parte do mesmo espetáculo. Que ela não é o monstro mais sanguinário que eu conheço. Que não é um algoz obcecado por mim.

Abra o olho, criatura. Repare a faca na mão da menina. Olhe para o sangue pingando da lâmina – o meu sangue! Para a sua pele levemente azulada. E, faça-me o favor, atente para o chiclete que ela prende entre os dentes e estica com a mão.

Então, não é um chiclete. É a minha orelha esquerda.

Bom, eu sei que você não tem informação decente por aqui. Você nasceu há pouco tempo, bem depois da *Catástrofe*. E viveu sempre dentro dessa reserva, conhecendo pouquíssimos *azuis* na vida. Exatamente por isso você deveria prestar mais atenção no que eu estou te mostrando. Pode ser a diferença entre a vida e uma morte bem lenta e excruciante. Fora que é uma história incrível! Você vai adorar, eu te prometo.

Bem, a pele azul já deveria deixar claro que ela não é mais humana. Com os pequenos chifres nascendo em sua testa e a cauda preta furando seu uniforme escolar, não há dúvida: ela é uma *azul*.

Observe a mão de Sayuri com mais cuidado. Ela não está segurando uma faca. Essa lâmina é uma das suas garras.

O corpo dela, como o de todo azul, vai mudando, evoluindo. A pele e os ossos endurecem. Um chifre aparece. Ou um espinho. Ou um ferrão. Ou uma glândula que produz veneno letal. Se você tiver muita sorte, pode ganhar um par de asas. Vai por mim, agora que os elevadores não funcionam, voar faz toda a diferença.

A gente vai se adaptando ao ofício a cada vez que tira a vida de alguém. Aliás, o termo politicamente correto é *coleccionar almas*. Para amenizar um pouco toda essa carga negativa que o assassinato recorrente traz.

Nessa época, a bandidinha já tinha quase mil almas de força. Não é de se espantar que ela tivesse garras tão grandes. Mas, depois eu explico melhor a mutação constante dos azuis e essa coisa de coleção de almas. Vamos voltar para o mais importante, para a minha história.

Apesar de a minha autoestima estar negativa, eu não estava morto ainda. Quem sabe se eu chamasse a atenção dela para outra vítima, alguém com mais almas, eu não conseguiria fugir enquanto o pobre coitado fosse devorado no meu lugar.

Eu acelero o meu rastejo para uma loja onde, eu sabia, um casal de vivos velhinhos se escondia. Acredite em mim, não existe um único azul neste mundo que ignore a deliciosa carne viva temperada pelo tempo. Menos eu, obviamente.

Eles eram amigos da minha avó e costumavam ir todos os dias jantar no restaurante dela. Antes de tudo isso, eram donos de uma loja de cerâmica tradicional japonesa. Todos os bules da minha avó eram de lá.

Ok. Não foi muito nobre da minha parte. Mas a vida durante o apocalipse não é o que se possa chamar de justa. *Sobrevivência do mais apto*, foi o que disse aquele moço barbudo. Duvido que ele tenha sido um dos poucos que foi para o Céu. Não tem ninguém que preste por lá.

Subi a calçada ainda deitado. Braçadas lentas e largas. Nada de movimentos bruscos para não chamar a atenção de Sayuri para o meu plano.

Ajoelhei no portal da pequena loja abarrotada de vasilhas, me preparando para atravessar o vidro da porta. Quatro olhos arregalados viam a minha aproximação por entre as hastes da persiana. Vivos ainda, como eu suspeitava.

Eles não podiam fazer nenhum barulho. Pelo meu estado, sabiam que tinha um azul mais forte no meu encalço. Só balançaram a cabeça de olhos e bocas arregaladas. A velhinha uniu as mãos em uma súplica. Partiria o coração de uma pessoa sensível. Mas não sobraram tantas delas no mundo. Nenhuma delas nessa rua deserta. As pessoas do bairro aprenderam cedo a fugir de Sayuri.

Eu me levantei e inspirei com selvageria e corri a passos tortos, mas firmes. E pulei na porta. Toda velocidade à frente. Ombro primeiro. A careta vitoriosa pronta. Boca já salivando por uma mordida antes da fuga definitiva. Uma mão para viagem. Quem sabe um braço. Do velhinho mesmo, que estava mais perto.

A porta tremeu, tremeu, mas não quebrou. O ombro, eu já não sei. E a ilusão de uma fuga se espatifou.

Recuei três passos e corri novamente. Por puro desespero. Mais uma vez, não fui forte o suficiente. Não fiz a mínima rachadura naquele vidro. Devia ser blindado. Só pode.

Sayuri estava a duas passadas de distância, rindo de mim. Foi a vez dos meus olhos implorarem por minha vida. Apontei para a vitrine com a cabeça, mas o casal de velhinhos tinha se escondido lá dentro. Rabanetes, cenouras e batatas jogados na frente da porta para disfarçar o cheiro de carne humana. Malditos covardes.

Sayuri dá um passo na minha frente. Devagar para aumentar o meu medo. Essa desgraçada gosta de torturar a gente antes de matar. Diz que a carne fica mais gostosa.

— Sayuri, eu vou ter uma conversinha séria com a sua mãe! — me levanto com dedo em riste — Ela não vai ficar feliz de saber que você tentou roubar a minha alma de novo. Vá caçar outras pessoas e me deixe em paz.

— Mamãe está morta — ela diz irritada. — Ela e o papai gritaram comigo, aí eu matei os dois.

Eu estou te falando, eu sou uma pessoa que sempre alimenta mais esperanças do que deveria. Contudo, quando uma menininha de seis anos não sente um pingão de remorso ao matar os pais, nada sobra.

Depois daquilo, eu me sentei na calçada. Não há por que rastejar ou mesmo correr para longe. Nem razão para tentar chamar a minha avó, que conseguia acalmar Sayuri. Ou a minha prima, que talvez pudesse matá-la.

Parei de esperar por uma solução milagrosa. Ela não me deixaria ir embora. Me perseguiria até me matar. Ou até sua própria morte.

Eu, o seu novo brinquedo. O rato de um gato sem escrúpulos.

Quando as garras de Sayuri subiram, me virei de costas e ruminei sobre as suas razões pela primeira vez.

Não acredito que ela entenda a dor que está causando ou o medo que eu estou sentindo. Ela é apenas uma criança. Acabou de fazer seus seis anos. Talvez, todo esse caos do final dos tempos seja um sonho para ela. Para mim, é um pesadelo.

Eu não vou mentir para você. Naquele instante, eu adoraria arrancar a sua orelhinha azul e a mastigar de boca aberta, bem na sua frente, olhando nos seus

olhinhos pretos, um pouco antes de esganar aquela gargantazinha fina e cheia de escamas.

Só que ela não passa de mais uma das tantas vítimas dessa catástrofe. Todos nós somos. *Vivos e azuis*. Se os nossos caminhos não se cruzarem novamente, não vou guardar nenhuma querela.

Não faria um voto de vingança por ninguém. Vingança e honra não são úteis neste mundo de sangue e desespero. A única coisa que você deve cobiçar é a misericórdia do seu assassino.

A melhor coisa a se fazer é rezar por uma boa morte.

Gostou?

Quer ler mais?

Clique [aqui](#)